

**EU ESTOU
CONTIGO
TODOS OS DIAS**

**DIA
MUNDIAL
DOS AVÓS
E DOS
IDOSOS**

#IAMWITHYOUALWAYS



PRIMEIRO DIA MUNDIAL DOS AVÓS E DOS IDOSOS

PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO

É feio ver os idosos descartados, é algo desagradável, é pecado! Não se ousa dizê-lo abertamente, mas fazem-no! Há algo de vil neste *habituarse à cultura do descartável*.

Audiência Geral, 4 de março de 2015

O futuro — e não exagero — estará no diálogo entre jovens e idosos. Se os avós não falarem com os netos, não há futuro.

Aos membros da Associação Nacional Italiana dos Trabalhadores Idosos, 16 de dezembro de 2019

Tive a graça de crescer numa família onde se vivia a fé de forma simples e concreta; mas foi sobretudo a minha avó, mãe do meu pai, que marcou o meu caminho de fé. Era uma mulher que nos explicava, falava de Jesus, ensinava o Catecismo. Lembro-me sempre que, na Sexta-Feira Santa, ela nos levava à noite à procissão de velas; no final desta procissão, passava o «Cristo jacente», e a avó fazia-nos – a nós crianças – ajoelhar e dizia-nos: «Olhai! Morreu, mas amanhã ressuscita». Recebi o primeiro anúncio cristão precisamente desta mulher, da minha avó! Tudo isto é muito belo! O primeiro anúncio em casa, com a família! Isto faz-me pensar no carinho que põem tantas mães e tantas avós na transmissão da fé. São elas que transmitem a fé. O mesmo acontecia nos primeiros tempos, porque São Paulo diz a Timóteo: «Recordo a fé da tua mãe e da tua avó» (cf. 2 Tm 1, 5). Oh vós todas, mães e avós que estais aqui, pensai nisto! A transmissão da fé... É que Deus coloca ao nosso lado pessoas que nos ajudam no nosso caminho de fé. Não

encontramos a fé no indefinido, não! Mas há sempre uma pessoa que prega, que nos diz quem é Jesus, nos transmite a fé, nos dá o primeiro anúncio. E assim foi a primeira experiência de fé que tive.

(Cfr. Vigília de Pentecostes, 18 de Maio de 2013)

Olhando para o ambiente familiar, queria destacar uma coisa: hoje, na festa de São Joaquim e Sant'Ana, no Brasil como em outros países, se celebra a festa dos avós. Como os avós são importantes na vida da família, para comunicar o patrimônio de humanidade e de fé que é essencial para qualquer sociedade! E como é importante o encontro e o diálogo entre as gerações, principalmente dentro da família. O *Documento de Aparecida* nos recorda: "Crianças e anciãos constroem o futuro dos povos; as crianças porque levarão por diante a história, os anciãos porque transmitem a experiência e a sabedoria de suas vidas" (*Documento de Aparecida*, 447). Esta relação, este diálogo entre as gerações é um tesouro que deve ser conservado e alimentado! Nesta Jornada Mundial da Juventude, os jovens querem saudar os avós. Eles saúdam os seus avós com muito carinho. Aos avós. Saudamos os avós. Eles, os jovens, saúdam os seus avós com muito carinho e lhes agradecem pelo testemunho de sabedoria que nos oferecem continuamente.

(Cfr. Angelus, Rio de Janeiro, 26 de Julho de 2013)

Esperança e futuro pressupõem memória. A memória dos nossos idosos é o amparo para prosseguir o caminho. O futuro da sociedade, e em concreto da sociedade italiana, está radicado nos idosos e nos jovens: nestes, porque têm a força e a idade para dar continuidade à história; naqueles, porque são a memória viva. Um povo que não cuida dos idosos, das crianças e dos jovens não tem futuro, porque trata mal a memória e a promessa.

(Cfr. Mensagem aos Participantes da 47ª Semana Social dos Católicos Italianos, 11 de Setembro de 2013)

Mas eu pergunto: «Vós ouvís os avós? Abris o vosso coração à memória que nos dão os avós? Os avós são a sabedora da família, são a sabedoria de um povo. E um povo que não ouve os avós, é um povo que morre! Ouçamos os avós! Maria e José são a Família santificada pela presença de Jesus, que é o cumprimento de todas as promessas. Cada família, como a de Nazaré, está inserida na história de um povo e não pode existir sem as gerações anteriores. E por isso hoje temos aqui os avós e as crianças. As crianças aprendem dos avós, da geração anterior.

(Cfr. Discurso às Famílias em Peregrinação a Roma por ocasião do Ano Da Fé, 26 de Outubro de 2013)

A memória dos nossos antepassados leva-nos à imitação da fé. É verdade, às vezes a velhice é um pouco desagradável, devido às doenças que comporta. Mas a sabedoria dos nossos avós é a herança que nós devemos receber. Um povo que não preserva os avós, que não respeita os avós, não tem futuro porque perdeu a memória. Diante do martírio, Eleazar está consciente da responsabilidade que tem em relação aos jovens. Pensa em Deus, mas também nos jovens: “Devo dar o exemplo de coerência aos jovens até ao fim”.

(Cfr. Homilia na Capela da Domus Sanctae Marthae, Vaticano 19 Novembro de 2013)

“Os idosos fornecem a memória e a sabedoria da experiência, que convida a não repetir tontamente os mesmos erros do passado. Os jovens chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências da humanidade e abrem-nos ao futuro, de modo que não fiquemos encalhados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo actual”.

(Cfr. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium 108, 24 de Novembro de 2013)

O testemunho da família torna-se crucial para toda a sociedade a fim de confirmar a importância da pessoa idosa como sujeito de uma comunidade que tem uma missão a cumprir e que só aparentemente recebe sem oferecer nada. "Sempre que tentamos ler os sinais dos tempos na realidade de hoje, é bom ouvir os jovens e os idosos. Ambos são a esperança dos povos. Os idosos trazem a memória e a sabedoria da experiência, o que nos convida a não repetir insensatamente os mesmos erros do passado".

Uma sociedade é verdadeiramente acolhedora da vida quando reconhece que a vida é preciosa mesmo na velhice, na deficiência, na doença grave e mesmo quando se está extinguindo; quando ensina que o chamado à realização humana não exclui o sofrimento; ainda mais, quando ensina a ver no doente um presente para toda a comunidade, uma presença que chama à solidariedade e à responsabilidade. Este é o Evangelho da vida que, através de sua competência científica e profissional, e apoiado pela graça, vocês são chamados a proclamar.

(Cfr. Mensagem aos participantes da Assembléia Geral da Pontifícia Academia para a Vida, Vaticano, 19 de fevereiro de 2014)

O encontro dos jovens com os avós é determinante. Diziam-me os Bispos de alguns países em crise, onde há uma grande taxa de desemprego juvenil, que uma parte da solução para os jovens se encontra na constatação de que são mantidos pelos seus avós, ou seja, que voltam a encontrar-se com os avós porque os avós recebem a reforma; assim, deixam as casas de repouso, voltam para a família e, além disso, trazem consigo a memória, o encontro.

(Cfr. Discurso à Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, 28 de Fevereiro de 2014)

De modo particular, a velhice é um tempo de graça, no qual o Senhor nos renova a sua chamada: chama-nos a guardar e transmitir a fé, chama-nos a rezar, especialmente a interceder; chama-nos a ser solidários com os necessitados... Os idosos, os avós têm uma capacidade particular de compreender as situações mais

difíceis: uma grande capacidade! E, quando rezam por estas situações, a sua oração é forte, é poderosa!

(Cfr. Encontro com os Idosos e Avós, 28 de Setembro de 2014)

Não deve haver instituições onde os idosos vivam esquecidos, como que escondidos, negligenciados. Sinto-me solidário com os inúmeros idosos que vivem nestas instituições e penso, com gratidão, a quantos os vão visitar e cuidam deles.

(Cfr. Encontro com os Idosos e Avós, 28 de Setembro de 2014)

Na tradição da Igreja existe uma *bagagem de sapiência* que sempre sustentou uma cultura *de proximidade aos anciãos*, uma disposição ao acompanhamento carinhoso e solidário na parte final da vida. Esta tradição está arraigada na Sagrada Escritura, como testemunham por exemplo estas expressões contidas no Livro do Sirácide: «Não desprezes os ensinamentos dos anciãos, dado que eles os aprenderam com os seus pais. Estudarás com eles o conhecimento e a arte de responder de modo oportuno» (*Eclo* 8, 11-12).

A Igreja não pode e não quer conformar-se com uma mentalidade de intolerância, e muito menos de indiferença e de desprezo, em relação à velhice. Devemos despertar o *sentido comunitário de gratidão*, de apreço e de hospitalidade, que levem o idoso a sentir-se parte viva da sua comunidade.

Os anciãos são homens e mulheres, pais e mães que antes de nós percorreram o nosso próprio caminho, estiveram na nossa mesma casa, combateram a nossa mesma batalha diária por uma vida digna. São homens e mulheres dos quais recebemos muito. O idoso não é um alieno. O idoso somos nós: daqui a pouco, daqui a muito tempo, contudo inevitavelmente, embora não pensemos nisto. E se não aprendermos a tratar bem os anciãos, também nós seremos tratados assim.

Nós, idosos, somos todos um pouco frágeis. No entanto, alguns são *particularmente débeis*, muitos vivem sozinhos, marcados por uma enfermidade. Outros dependem de curas indispensáveis e da atenção dos outros. Daremos por isso um passo atrás, abandonando-os ao seu destino? Uma sociedade sem *proximidade*, onde a *gratuidade* e o afago sem retribuição — inclusive entre estranhos — começam a desaparecer, é uma sociedade perversa. Fiel à Palavra de Deus, a Igreja não pode tolerar estas degenerações. Uma comunidade cristã em que a proximidade e a gratuidade deixassem de ser consideradas indispensáveis perderia juntamente com elas também a sua alma. Onde não há honra pelos idosos não há porvir para os jovens.

(Cfr. Audiência Geral, Vaticano 4 de Março de 2015)

O Senhor nunca nos descarta! Ele chama-nos a segui-lo em todas as fases da vida, e inclusive a *velhice recebe uma graça e uma missão*, uma verdadeira *vocação* do Senhor. A velhice é uma vocação! Ainda não chegou o momento de «nos resignarmos». Sem dúvida, este período da vida é diferente dos precedentes; devemos também «inventá-lo» um pouco porque, espiritual e moralmente, as nossas sociedades não estão prontas para lhe conferir, a este momento da vida, o seu pleno valor. Com efeito, outrora não era tão normal ter tempo à disposição; hoje é-o muito mais. E inclusive a espiritualidade cristã foi um pouco surpreendida, e trata-se de delinear uma espiritualidade das pessoas idosas. Mas graças a Deus não faltam testemunhos de santos e santas idosos!

(Cfr. Audiência Geral, Vaticano 11 de Março de 2015)

Estimados avós, amados idosos, coloquemo-nos no sulco destes anciãos extraordinários! Tornemo-nos, também nós um pouco poetas da oração: adquiramos o gosto de procurar palavras que nos são próprias, voltando a apoderar-nos daquelas que a Palavra de Deus nos ensina. *É um grande dom para a Igreja, a oração dos avós e dos idosos!* A oração dos anciãos e dos avós é uma dádiva para a Igreja uma riqueza! Uma grande dose de sabedoria também para toda a sociedade

humana: sobretudo para aquela que vive demasiado ocupada, absorvida, distraída. Contudo, também por eles alguém deve cantar os sinais de Deus, proclamar os sinais de Deus, rezar por eles! Observemos Bento XVI, que quis passar na oração e na escuta de Deus a última fase da sua vida! Isto é bonito! Um grande crente de tradição ortodoxa do século passado, Olivier Clément, dizia: «Uma civilização na qual já não se reza é uma civilização onde a velhice não tem mais sentido. E isto é terrificante! Antes de tudo, temos necessidade de idosos que rezem, porque a velhice nos é concedida para isto». Precisamos de anciãos que orem, pois a velhice nos é oferecida precisamente para isto. A oração dos idosos é bonita!

(Cfr. Audiência Geral, Vaticano 11 de Março de 2015)

Os avós são os grandes esquecidos desta nossa época. Agora um pouco menos, aqui na Itália, pois dado que não há trabalho e são eles que recebem a pensão, eis que se recordam dos avós! Mas os avós são os grandes esquecidos. E os avós representam a memória de uma família, a memória do país, a memória da fé, porque são eles que no-la transmitem. Os avós! Quanto a mim, dirijo-vos a seguinte pergunta: vós falais com os vossos avós? [Respondem: «Sim!»]; vós perguntais aos vossos avós: «Avô, avó, como foi que aquilo aconteceu? Como se faz isto? O que fazias tu?». Falai com eles, porque os avós constituem uma fonte de sabedoria, dado que conservam a memória da vida, a memória da fé, a memória das tensões, a memória dos conflitos... Os avós são bons! Eu gosto muito de falar com os avós. Agora narro-vos uma anedota. Recentemente, na praça, durante uma das audiências de quarta-feira, enquanto eu dava voltas com o papamóvel, vi ali presente uma avozinha, uma senhora idosa: e via-se que era idosa! Mas os seus olhos brilhavam de alegria. Assim, pedi que parassem o papamóvel. Desci e fui ao seu encontro para a cumprimentar. Ela sorria. «Diga-me avó, quantos anos a senhora tem?» — «92!» — «Ah, muito bem, cheia de alegria! Então, dê-me a receita do modo como se pode chegar assim à idade de 92 anos». E disse-me: «Sabe, eu como ravioli!». Em seguida, acrescentou: «E sou eu que os faço!». Esta é uma

anedota para vos dizer que encontrar os avós é sempre uma surpresa. Os avós surpreendem-nos sempre: sabem ouvir-nos, têm paciência... Aqui falamos de três gerações, pelo menos de três gerações. E até quando os avós vivem em casa, ajudam muito a resolver as tensões, que são normais em família. Não vos esqueçais dos avós! Entendestes?

(Cfr. Discurso aos Jovens do Movimento Eucarístico Juvenil (MEJ), 7 de Agosto de 2015)

191. «Não me rejeites no tempo da velhice; não me abandones, quando já não tiver forças» (Sl 71/70, 9). É o brado do idoso, que teme o esquecimento e o desprezo. Assim como Deus nos convida a ser seus instrumentos para escutar a súplica dos pobres, assim também espera que ouçamos o brado dos idosos. Isto interpela as famílias e as comunidades, porque «a Igreja não pode nem quer conformar-se com uma mentalidade de impaciência, e muito menos de indiferença e desprezo, em relação à velhice. Devemos despertar o sentido colectivo de gratidão, apreço, hospitalidade, que faça o idoso sentir-se parte viva da sua comunidade. Os idosos são homens e mulheres, pais e mães que, antes de nós, percorreram o nosso próprio caminho, estiveram na nossa mesma casa, combateram a nossa mesma batalha diária por uma vida digna». Por isso, «como gostaria duma Igreja que desafia a cultura do descarte com a alegria transbordante dum novo abraço entre jovens e idosos!»

192. São João Paulo II convidou-nos a prestar atenção ao lugar do idoso na família, porque há culturas que, «especialmente depois dum desenvolvimento industrial e urbanístico desordenado, forçaram, e continuam a forçar, os idosos a situações inaceitáveis de marginalização». Os idosos ajudam a perceber «a continuidade das gerações», com «o carisma de lançar uma ponte» entre elas. Muitas vezes são os avós que asseguram a transmissão dos grandes valores aos seus netos, e «muitas pessoas podem constatar que devem a sua iniciação na vida cristã precisamente aos avós». As suas palavras, as suas carícias ou a simples presença ajudam as crianças a reconhecer que a história não começa com elas, que

são herdeiras dum longo caminho e que é necessário respeitar o fundamento que as precede. Quem quebra os laços com a história terá dificuldade em tecer relações estáveis e reconhecer que não é o dono da realidade. Com efeito, «a atenção aos idosos distingue uma civilização. Numa civilização, presta-se atenção ao idoso? Há lugar para o idoso? Esta civilização irá em frente, se souber respeitar a sabedoria dos idosos».

193. A falta de memória histórica é um defeito grave da nossa sociedade. É a mentalidade imatura do «já está ultrapassado». Conhecer e ser capaz de tomar posição perante os acontecimentos passados é a única possibilidade de construir um futuro que tenha sentido. Não se pode educar sem memória: «Recordai os dias passados» (*Heb 10, 32*). As histórias dos idosos fazem muito bem às crianças e aos jovens, porque os ligam à história vivida tanto pela família como pela vizinhança e o país. Uma família que não respeita nem cuida dos seus avós, que são a sua memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família que recorda é uma família com futuro. Por isso, «numa civilização em que não há espaço para os idosos ou onde eles são descartados porque criam problemas, tal sociedade traz em si o vírus da morte», porque «se separa das próprias raízes». O fenómeno contemporâneo de sentir-se órfão, em termos de descontinuidade, desenraizamento e perda das certezas que dão forma à vida, desafia-nos a fazer das nossas famílias um lugar onde as crianças possam lançar raízes no terreno duma história colectiva.

(Cfr. Exortação apostólica Amoris Lætitia 191-193, 19 de Março de 2016)

Quereis ser esperança para o futuro ou não? [*Sim!*] Tendes a certeza? [*Sim!*] Mas... sob duas condições! Não, não é preciso pagar o bilhete de entrada. A primeira condição é *ter memória*. Perguntar-me donde venho: memória do meu povo, memória da minha família, memória de toda a minha história. O testemunho da segunda Voluntária era cheio de memória, cheio de memória! Memória dum caminho percorrido, memória daquilo que recebi dos adultos. Um jovem sem memória não pode ser esperança para o futuro! Está claro? [*Sim!*]

«Padre, como faço para ter memória?» Fala com os teus pais, fala com os adultos; sobretudo fala com os avós. Está claro? Assim, se quiserdes ser esperança do futuro, deveis receber a *tocha da mão do vosso avô e da vossa avó*.

Prometeis-me que, para preparar a JMJ/Panamá, falareis mais com os avós? [Sim!] E, se os avós já partiram para o Céu, falareis com os idosos? [Sim!] E interrogá-los-eis? Perguntar-lhes-eis? [Sim!] Perguntai a eles. São a sabedoria dum povo.

(Cfr. Encontro com os voluntários da JMJ, Cracóvia 31 de julho de 2016)

Os avós também podem ser amigos. Conheço crianças que são mais capazes de falar com seus avós do que com seus pais. Porque eles se sentem mais amigos, mais compreendidos, por seus avós.... Mas eu ouvi alguém dizer: "Falar com os avós é chato! Os avós são uma coisa do passado, eles não são úteis". Isso é verdade? Não! Vou lhe dar um conselho: fale com seus avós, faça perguntas a seus avós. Os avós são a memória da vida, eles são a sabedoria da vida. Fale com seus avós.

(Cfr. Encontro com jovens na Paróquia romana "Santa Maria a Setteville", 15 de Janeiro de 2017)

Vimos que o Magnificat brota do coração de Maria no momento em que encontra a sua prima idosa Isabel. Esta, com a sua fé, o seu olhar perspicaz e as suas palavras, ajuda a Virgem a compreender melhor a grandeza da ação de Deus n'Ela, da missão que Lhe foi confiada. E vós, estais cientes da fonte extraordinária de riqueza que é o encontro entre os jovens e os idosos? Quanta importância dais aos idosos, aos vossos avós? Aspirais, justamente, a «levantar voo», levais no coração muitos sonhos, mas precisais da sabedoria e da visão dos idosos. Ao mesmo tempo que abris as asas ao vento, é importante descobrires as vossas raízes e recolherdes o testemunho das pessoas que vos precederam. Para construir um futuro que tenha sentido, é preciso conhecer os acontecimentos passados e tomar posição sobre eles (cf. AL 191.193). Vós, jovens, tendes a força; os idosos têm a memória e a sabedoria. Como Maria com Isabel, ponde os vossos olhos nos

idosos, nos vossos avós. Dir-vos-ão coisas que apaixonarão a vossa mente e comoverão o vosso coração.

(Cfr. Mensagem para a XXXII JMJ, Vaticano 27 de Fevereiro de 2017)

Hoje, aos jovens, a vida pede uma missão, a Igreja pede-lhes uma missão, e eu gostava de vos dar esta missão: ao regressar, falar com os avós. Hoje, mais do que nunca, precisamos, *temos necessidade desta ponte, do diálogo entre os avós e os jovens*, entre os idosos e os jovens. O profeta Joel (capítulo 3, versículo 2) diz-nos isto, como uma profecia: «Os idosos terão sonhos, sonharão, e os jovens profetizarão», isto é, com a profecia levarão por diante as coisas concretas. Esta é a tarefa que vos dou em nome da Igreja: *falar com os idosos*. «Mas são chatos; dizem sempre as mesmas coisas». Não importa; escuta o idoso. Fala, pergunta coisas. Faz com que eles sonhem; e, desses sonhos, colhe tu o que se deve fazer para continuar para diante, para profetizar e tornar concreta esta profecia. Esta é a vossa missão hoje, esta é a missão que a Igreja vos pede hoje.

(Cfr. Discurso na vigília de oração com os jovens das dioceses de roma e do lácio em preparação para a XXXII JMJ, Roma 8 de Abril de 2017)

Nós não somos gerontes: somos avós, somos avós. E se não sentirmos isto, devemos pedir a graça de o sentir. Avós para os quais os nossos netinhos olham. Avós que lhes devem dar um sentido da vida com a nossa experiência. Avós não fechados na melancolia da nossa história, mas abertos para dar isto. E para nós, o «Levanta-te, olha e espera» chama-se «sonhar». Somos avós chamados a sonhar e a transmitir o nosso sonho à juventude de hoje: ela precisa disto. Porque os jovens encontrarão nos nossos sonhos a força para profetizar e para cumprir a sua tarefa.

Vem-me à mente aquele trecho do Evangelho de Lucas (2, 21-38), sobre Simeão e Ana: dois avós, mas quanta capacidade de sonhar eles tinham! E narraram todo este sonho a São José, a Nossa Senhora, ao povo... E Ana falava aqui e ali, dizendo: «É ele! É ele!», e contava o sonho da sua vida. E é isto que o Senhor nos pede hoje: para sermos avós. Para termos a vitalidade de dar aos jovens, porque é

o que eles esperam de nós; para não nos fecharmos, para darmos o nosso melhor: eles contam com a nossa experiência, como os nossos sonhos positivos para levar em frente a profecia e o trabalho.

Peço ao Senhor que conceda esta graça a todos nós. Inclusive àqueles que ainda não se tornaram avós: vejamos o presidente [dos bispos] do Brasil, é um juvenzinho... mas chegarás lá! A graça de sermos avós, a graça de sonharmos e transmitirmos este sonho aos nossos jovens: eles precisam disto.

(Cfr. Homilia, Santa Missa por ocasião do 25º aniversário da ordenação episcopal do Santo Padre, Roma 27 de junho de 2017)

Esta disposição interior de receber a herança, fazê-la crescer e transmiti-la é o espírito apostólico de um presbitério. Que os jovens saibam que o mundo não começa com eles, que devem procurar as raízes, devem procurar as raízes históricas, religiosas... Fazer crescer aquelas raízes e transmitir os frutos. Ensinaí os jovens a não ser desarraigados; ensinaí-os a conversar com os idosos. Quando entrei aqui [na Casa Episcopal], encontrei os alunos do Seminário Médio. Devia ter-lhes feito duas perguntas, breves, mas fiz apenas uma. A primeira, a mais natural: «Jogais futebol?». Todos: «Sim!». A segunda era: «Ides visitar os avós, os sacerdotes anciãos? Para ouvir as histórias da sua vida, do seu apostolado?» Os formadores do Seminário devem educar os jovens seminaristas para ouvir os sacerdotes anciãos: ali estão as raízes, ali está a sabedoria da Igreja.

(Cfr. Discurso aos bispos de Bangladesh, Dacar 1º de Dezembro de 2017)

Vocês são as brasas, as brasas do mundo sob as cinzas: sob as dificuldades, sob as guerras há estas brasas, brasas de fé, brasas de esperança, brasas de alegria escondida. Por favor, guarde as brasas, as que você tem no coração, com sua testemunha. Com os problemas que existem, com os problemas que virão, mas

saiba que tenho uma missão, no mundo e na Igreja: levar adiante este fogo oculto, o fogo de uma vida. Porque sua vida não tem sido inútil: tem sido fogo, fogo, tem dado calor, tem feito muitas coisas. Mas o fogo acaba se apagando e as brasas permanecem. Não esqueça: vocês são as brasas do mundo, as brasas da Igreja para manter o fogo aceso.

(Cfr. Encontro com idosos e doentes, Roma, 25 de Fevereiro de 2018)

Uma sociedade -escutai bem isso – uma sociedade que não valorize os avós é uma sociedade sem futuro. Uma Igreja que não tenha a peito a aliança entre gerações acabará sem o que conta verdadeiramente, o amor. Os nossos avós ensinam-nos o significado do amor conjugal e paternal. Eles próprios cresceram numa família e experimentaram o afeto de filhos e filhas, de irmãos e irmãs. Por isso, constituem um tesouro de experiência, um tesouro de sabedoria para as novas gerações. É um grande erro não interpelar os idosos sobre as suas experiências ou pensar que seja uma perda de tempo conversar com eles.

(Cfr. Discurso por ocasião do IX Encontro Mundial das Famílias, Dublin 25 de Agosto de 2018)

Falai com os idosos, conversai com os avós: eles são as raízes, as raízes da vossa concretude, as raízes do vosso crescer, florescer e frutificar. Recordai: se a árvore ficar sozinha, não dará fruto. Tudo o que a árvore possui de florido, provém daquilo que está enterrado. Esta expressão é de um poeta, não é minha. Mas é verdade. Apegai-vos às raízes, mas não permaneçais ali. Pegai nas raízes e levai-as em frente, para dar fruto, e também vós sereis raízes para os outros. Não vos esqueçais da fotografia, daquela com o avô. Falai com os avós, conversai com os idosos e isto far-vos-á felizes!

(Cfr. Discurso por ocasião do encontro com jovens e pais sinodais, Vaticano, 6 de Outubro de 2018)

“O que diria o senhor, como avô, a jovens que querem ter confiança na vida, que desejam construir um futuro à altura dos seus sonhos?”. Eis a pergunta. Fizeste um bom trabalho, com estas entrevistas! É uma boa experiência que nunca esquecerás, nunca! Uma linda experiência.

Parto da última frase: “à altura dos seus sonhos”. *Sonhos* é a última palavra. E a resposta é a seguinte: começa a sonhar. Sonha tudo. Vem à minha mente aquela bonita canção: «Nel blu dipinto di blu, felice di stare lassù». Sonhar assim, descaradamente, sem vergonha. Sonhar. Sonhar é a palavra. E defender os sonhos como se defendem os filhos. Isto é difícil de compreender mas é fácil de sentir: quando tens um sonho, uma coisa que não sabes como a expressar, mas a preservas e a defendes para que o hábito diário não te prive dela. Abrir-se a horizontes que são contra os fechamentos. Os fechamentos não conhecem os horizontes, os sonhos sim! Sonhar, e seguir os sonhos dos idosos, os sonhos deles; não só ouvi-los, gravá-los, e depois dizer “agora vamos divertir-nos”. Não. Lavai-os em vós. O sonho que recebemos de um idoso é um peso, custa levá-lo por diante. É uma responsabilidade: devemos levá-los por diante.

Há um ícone que vem do Mosteiro de Bose, que se chama “A Sagrada Comunhão”, ou seja, um monge jovem leva por diante um idoso, leva em frente os sonhos de um idoso, e não é fácil, vê-se que nisto tem dificuldade. Nesta pequena imagem tão bonita vê-se um jovem que foi capaz de assumir sobre si os sonhos dos idosos e os leva em frente, para os fazer frutificar. Talvez isto sirva de inspiração. Tu não podes carregar sobre ti todos os idosos, mas os sonhos deles sim, levando-os em frente, leva-os, que te fará bem. Não só ouvi-los e escrevê-los, não: assumi-los e levá-los por diante. E isto muda o teu coração, faz-te crescer, amadurecer. É a maturação própria de um idoso.

Eles, nos sonhos, dir-te-ão também o que fizeram na vida: contar-te-ão os erros, as falências, os sucessos, dir-te-ão isto. Assume-o. Assume toda esta experiência de vida e vai em frente. Este é o ponto de partida.

“O que diria Vossa Santidade aos jovens que querem ter confiança na vida?”: carrega sobre ti os sonhos dos idosos e leva-os por diante. Isto far-te-á amadurecer.

(Cfr. Encontro com jovens e idosos, Roma, 23 de outubro de 2018)

Deixai que vos conte uma coisa: quando cheguei, no primeiro dia, pela estrada havia uma senhora com um chapéu, uma senhora idosa, uma avó; estava lá, junto da divisória onde eu passava no carro e tinha um letreiro que dizia: «Também nós, avós, sabemos como fazer algazarra!» E acrescentava: «Com sabedoria». Juntai-vos, aos avós, para fazer «algazarra», será uma algazarra eficaz, uma algazarra genial! Não tenhais medo! Ide e falai... A senhora, parecia-me já velhota e perguntei-lhe a idade. Tinha menos 14 anos do que eu. Que vergonha!

(Cfr. Encontro com os voluntários da JMJ, Panamá 27 de Janeiro de 2019)

Se recordarmos o nosso encontro fundante com o Senhor, dar-nos-emos conta de que não surgiu como uma questão privada entre nós e Deus. Não! Desabrochou no povo crente, ao lado de tantos irmãos e irmãs, em tempos e lugares concretos. Assim no-lo diz o Evangelho, mostrando como *o encontro tem lugar no povo de Deus*, na sua história concreta, nas suas tradições vivas: no templo, segundo a Lei, no clima da profecia, com os jovens e os idosos juntos (cf. *Lc 2, 25-28.34*). O mesmo se passa com a vida consagrada: desabrocha e floresce na Igreja; se se isolar, murcha. Aquela amadurece quando os jovens e os idosos caminham juntos, quando os jovens reencontram as raízes e os idosos acolhem os frutos. Mas estagna quando se caminha sozinho, quando se permanece fixado no passado ou se salta para a frente para tentar sobreviver.

(Cfr. Homilia, XXIII Dia Mundial da Vida Consagrada Roma, 2 de Fevereiro de 2019)

As pessoas idosas, a nível social, não devem ser consideradas um fardo, mas aquilo que realmente são, ou seja, um recurso e uma riqueza. São a memória de um

povo! Isto é demonstrado pela sua contribuição nas actividades de voluntariado, oportunidades preciosas para viver a dimensão da *gratuidade*. Os idosos saudáveis podem oferecer algumas horas do seu tempo para cuidar de pessoas necessitadas, enriquecendo-se assim também a si próprias. (...)

E assim chegamos ao segundo aspeto: a velhice como *tempo de diálogo*. O futuro de um povo pressupõe necessariamente um diálogo e um encontro entre idosos e jovens para construir uma sociedade mais justa, mais bela, mais solidária e mais cristã. Os jovens são a força do caminho de um povo e os idosos revigoram essa força com a memória e a sabedoria. A velhice é um tempo de graça, no qual o Senhor nos renova o seu chamamento: chama-nos a conservar e transmitir a nossa fé, chama-nos a rezar, sobretudo a interceder; chama-nos a estar perto dos necessitados. Os idosos, os avós têm uma capacidade única e especial para compreender as situações mais problemáticas. E quando rezam por estas situações, a sua oração é forte, é poderosa! Aos avós, que foram abençoados por verem os filhos dos seus filhos (cf. *Sl* 128, 6), é confiada uma grande tarefa: transmitir a experiência de vida, a história de uma família, de uma comunidade, de um povo.

(Cfr. Discurso aos membros da Associação Nacional dos Trabalhadores Idosos, Roma 16 de Dezembro de 2019)

[16] Ao mesmo tempo, porém, recomenda-se aos jovens: «Sede submissos aos anciãos» (*1 Ped* 5, 5). A Bíblia sempre convida a um respeito profundo pelos idosos, porque abrigam um tesouro de experiência, experimentaram os êxitos e os fracassos, as alegrias e as grandes tribulações da vida, as esperanças e as desilusões, e, no silêncio do seu coração, guardam tantas histórias que nos podem ajudar a não errar nem enganar-nos com falsas miragens. A palavra dum idoso sábio convida a respeitar certos limites e a saber-se dominar a tempo: «Exorta igualmente os jovens a serem moderados» (*Tit* 2, 6). Não é bom cair no culto da juventude, nem numa postura juvenil que despreze os outros pelos seus anos ou porque são doutro tempo. Jesus dizia que a pessoa sábia é capaz de tirar do seu tesouro coisas novas

e velhas (cf. *Mt* 13, 52). Um jovem sábio abre-se ao futuro, mas permanece capaz de valorizar algo da experiência dos outros.

[187] No Sínodo, afirmou-se que «os jovens estão projetados para o futuro e enfrentam a vida com energia e dinamismo. Mas (...) tendem por vezes a prestar pouca atenção à memória do passado donde provêm, especialmente dos inúmeros dons que lhes foram transmitidos pelos pais, pelos avós, pela bagagem cultural da sociedade onde vivem. Ajudar os jovens a descobrir a riqueza viva do passado, conservando-a na memória e valendo-se dela para as suas decisões e possibilidades, é um verdadeiro ato de amor para com eles visando o seu crescimento e as opções que são chamados a realizar».[\[102\]](#)

[188] A Palavra de Deus recomenda que não se perca o contacto com os idosos, para poder recolher a sua experiência: «Frequenta a assembleia dos anciãos; se encontrares algum sábio, faz-te amigo dele. (...) Se vires alguém sensato, madruga e vai ter com ele, e desgastem os teus pés o limiar da sua porta» (*Sir* 6, 34.36). Seja como for, os largos anos que viveram e tudo o que passaram na vida devem levar-nos a olhá-los com respeito: «Levanta-te perante uma cabeça branca» (*Lv* 19, 32). Com efeito, «a força é a glória do jovem, e a glória dos velhos são os cabelos brancos» (*Pr* 20, 29).

[192] Na profecia de Joel, encontramos um anúncio que nos permite entender isto duma maneira admirável. Diz assim: «Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda a humanidade. Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões» (*Jl* 3, 1; cf. *At* 2, 17). Se os jovens e os idosos se abrirem ao Espírito Santo, juntos produzem uma combinação maravilhosa: os idosos sonham e os jovens têm visões. Como se completam reciprocamente as duas coisas?

[193] Os idosos têm sonhos permeados de recordações, de imagens de tantas coisas vividas, com a marca da experiência e dos anos. Se os jovens se enraizarem nos sonhos dos idosos, conseguem ver o futuro, podem ter visões que lhes abrem o horizonte e mostram novos caminhos. Mas, se os idosos deixarem de sonhar, os jovens já não podem ver claramente o horizonte.

[194] Sabe bem encontrar, no meio daquilo que guardaram os nossos pais, alguma lembrança que nos permite imaginar o que sonharam para nós os nossos avôs e as nossas avós. Todo o ser humano, ainda antes de nascer, recebeu como prenda dos seus avós a bênção dum sonho cheio de amor e esperança: o sonho duma vida melhor. E, se não o recebeu de nenhum dos seus avós, houve seguramente algum bisavô que o sonhou e ficou feliz por ele, ao contemplar no berço os seus filhos e, depois, os netos. O sonho primordial, o sonho criador de Deus nosso Pai, precede e acompanha a vida de todos os seus filhos. Guardar na memória esta bênção, que se estende de geração em geração, é uma herança preciosa que devemos saber conservar viva para também nós a podermos transmitir.

[195] Por isso, é bom deixar que os idosos contem longas histórias, que às vezes parecem mitológicas, fantasiosas – são sonhos de anciãos –, mas frequentemente estão cheias duma rica experiência, de símbolos eloquentes, de mensagens escondidas. Tais narrações requerem tempo e que nos disponhamos gratuitamente a ouvir e interpretar com paciência, porque não cabem numa mensagem das redes sociais. Devemos aceitar que toda a sabedoria de que necessitamos na vida não pode estar confinada nos limites impostos pelos atuais recursos de comunicação.

[197] Nós, os idosos, que podemos dar aos jovens? «Aos jovens de hoje, que sentem dentro si próprios uma mistura de ambições heroicas e inseguranças, podemos lembrar-lhes que uma vida sem amor é uma vida estéril». Que podemos dizer-lhes? «Aos jovens temerosos, podemos dizer que a ânsia face ao futuro pode ser superada». Que podemos ensinar-lhes? «Aos jovens excessivamente preocupados consigo mesmos, podemos ensinar que se experimenta maior alegria em dar do que em receber, e que o amor não se demonstra apenas com palavras, mas também com obras».

[199] Se caminharmos juntos, jovens e idosos, poderemos estar bem enraizados no presente e, daqui, visitar o passado e o futuro: visitar o passado, para aprender da história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro,

para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças. Assim unidos, poderemos aprender uns com os outros, acalantar os corações, inspirar as nossas mentes com a luz do Evangelho e dar nova força às nossas mãos.

[201] No Sínodo, um dos jovens auditores, vindo das Ilhas Samoa, disse que a Igreja é uma canoa, na qual os idosos ajudam a manter a rota, interpretando a posição das estrelas, e os jovens remam com força imaginando o que os espera mais além. Não nos deixemos extraviar nem pelos jovens que pensam que os adultos são um passado que já não conta, que já está superado, nem pelos adultos que julgam saber sempre como se deveriam comportar os jovens. O melhor é subirmos todos para a mesma canoa e, juntos, procurarmos um mundo melhor, sob o impulso sempre novo do Espírito Santo.

(Cfr. Exortação apostólica Christus vivit, 25 de março de 2019)

É bom pensar que os avós podem servir de exemplo aos jovens, indicando-lhes a estrada da oração a percorrer. A sabedoria dos idosos, a sua experiência e capacidade de “raciocinar” com o coração. Alguém poderia dizer: «Mas padre, raciocinamos com o cérebro!», Não, não é verdade: raciocina-se com o cérebro e com o coração, é uma capacidade que devemos desenvolver. Capacidade de raciocinar com o coração. Estas experiências dos idosos constituem um ensinamento precioso para aprender uma metodologia fecunda na oração de intercessão.

(Cfr. Discurso na Encontro Internacional da Rede Mundial de Oração do Papa, Vaticano 28 de Junho de 2019)

Amados irmãos e irmãs!

Dou as bem-vindas a vós que participastes no primeiro Congresso Internacional de Pastoral dos Idosos — “A riqueza dos anos” — organizado pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida; e agradeço ao Cardeal Farrell as suas amáveis palavras.

A “riqueza dos anos” é a riqueza das pessoas, de cada pessoa que tem muitos anos de vida, de experiência e de história. É o tesouro precioso que se forma ao longo da vida de cada homem e mulher, qualquer que seja a sua origem, a sua proveniência, as suas condições económicas ou sociais. Pois a vida é um dom, e quando é longa é um privilégio, para si mesmo e para os outros. Sempre, é sempre assim.

No século xxi, a velhice tornou-se uma das características da humanidade. Em poucas décadas, a pirâmide demográfica — que outrora se baseava num grande número de crianças e jovens e tinha alguns idosos no seu topo — inverteu-se. Se outrora os idosos poderiam povoar um pequeno estado, hoje poderiam povoar um continente inteiro. Neste sentido, a grande presença dos idosos é uma novidade para todos os ambientes sociais e geográficos do mundo. Além disso, a velhice hoje corresponde a diferentes fases da vida: para muitos é a idade em que se interrompe o compromisso produtivo, diminuem as forças e surgem sinais de doença, a necessidade de ajuda e isolamento social; mas para muitos é o início de um longo período de bem-estar psicofísico e de libertação das obrigações laborais.

Em ambas as situações, como viver estes anos? Qual sentido dar a esta fase da vida, que para muitos pode ser longa? A desorientação social e, em muitos aspectos, a indiferença e a rejeição que as nossas sociedades demonstram para com os idosos, chamam não só a Igreja, mas todos, a uma séria reflexão para aprender a compreender e a apreciar o valor da velhice. Na realidade, enquanto, por um lado, os Estados têm de lidar com a nova situação demográfica em termos económicos, por outro, a sociedade civil precisa de valores e significados para a terceira e quarta idades. E aqui, acima de tudo, está a contribuição da comunidade eclesial.

Por isso, acolhi com interesse a iniciativa deste congresso, que focalizou a atenção no cuidado pastoral dos idosos e iniciou uma reflexão sobre as implicações de uma presença substancial dos avós nas nossas paróquias e sociedades. Peço-vos que isto não permaneça uma iniciativa isolada, mas marque o início de um caminho de aprofundamento pastoral e de discernimento. Devemos mudar os

nossos hábitos pastorais para responder à presença de tantas pessoas idosas nas famílias e comunidades.

Na Bíblia, a longevidade é uma bênção. Confronta-nos com a nossa fragilidade, com a nossa dependência mútua, com os nossos vínculos familiares e comunitários e, sobretudo, com a nossa filiação divina. Concedendo a velhice, Deus Pai dá tempo para aprofundar o conhecimento d'Ele, a intimidade com Ele, para entrar cada vez mais no Seu coração e entregar-se a Ele. Este é o momento de nos prepararmos para entregar o nosso espírito nas suas mãos, definitivamente, com confiança de filhos. Mas é também uma época de renovada fecundidade. «Na velhice ainda darão fruto», diz o salmista (Sl 91, 15). Com efeito, o desígnio de salvação de Deus, também é realizado na pobreza de corpos débeis, estéreis e impotentes. Do ventre estéril de Sara e do corpo centenário de Abraão, nasceu o Povo Eleito (cf. Rm 4, 18-20). De Isabel e do idoso Zacarias nasceu João Batista. O idoso, mesmo quando está frágil, pode tornar-se um instrumento da história da salvação.

Consciente deste papel insubstituível das pessoas idosas, a Igreja torna-se um lugar onde as gerações são chamadas a partilhar o desígnio de amor de Deus, numa relação de intercâmbio recíproco dos dons do Espírito Santo. Esta partilha intergeracional obriga-nos a mudar o nosso modo de ver os idosos, a aprender a olhar para o futuro juntamente com eles.

Quando pensamos nos idosos e falamos deles, ainda mais na dimensão pastoral, devemos aprender a mudar um pouco os tempos verbais. Para os idosos não há apenas o passado, como se para eles houvesse apenas uma existência vivida e um arquivo bolorento. Não. O Senhor pode e quer escrever com eles também novas páginas, páginas de santidade, de serviço, de oração... Hoje gostaria de vos dizer que os idosos são ainda o *presente e o futuro* da Igreja. Sim, eles são também o futuro de uma Igreja que, juntamente com os jovens, profetiza e sonha! Por isso é tão importante que os idosos e os jovens falem uns com os outros.

A profecia dos idosos realiza-se quando a luz do Evangelho entra plenamente nas suas vidas; quando, como Simeão e Ana, tomam Jesus nos seus braços e

anunciam a *revolução da ternura*, a Boa Nova daquele que veio ao mundo para trazer a luz do Pai. Por isso peço-vos que não vos poupeis a proclamar o Evangelho aos avós e aos idosos. Ide ao encontro deles com um sorriso no rosto e o Evangelho nas mãos. Ide pelas ruas das vossas paróquias e procurai os idosos que vivem sozinhos. A velhice não é uma doença, é um privilégio! A solidão pode ser uma doença, mas podemos curá-la com caridade, proximidade e conforto espiritual.

Deus tem uma grande população de avós em todas as partes do mundo. Hoje em dia, nas sociedades secularizadas de muitos países, as atuais gerações de pais não têm, na sua maioria, aquela formação cristã e aquela fé viva que, ao contrário, os avós podem transmitir aos seus netos. Eles são o elo indispensável para educar as crianças e os jovens na fé. Devemos acostumar-nos a incluí-los nos nossos horizontes pastorais e considerá-los, de forma não episódica, como um dos componentes vitais das nossas comunidades. Eles não são apenas pessoas que devemos ajudar e a proteger para preservar a sua vida, mas podem ser atores de uma pastoral evangelizadora, testemunhas privilegiadas do amor fiel de Deus.

Por isso, agradeço a todos vós que dedicais as vossas energias pastorais aos avós e aos idosos. Estou bem consciente de que o vosso empenho e reflexão nascem de uma amizade concreta com muitas pessoas idosas. Espero que aquela que hoje é a sensibilidade de poucos se torne património de toda comunidade eclesial. Não tenhais medo, tomai iniciativas, ajudai os vossos Bispos e Dioceses a promover o serviço pastoral aos idosos e com os idosos. Não desanimeis, ide em frente! O Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida continuará a acompanhar-vos neste trabalho.

Eu também vos acompanho com a minha oração e bênção. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

(Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional "A Riqueza Dos Anos", Roma 31 de Janeiro de 2020)

Hoje gostaria de rezar convosco pelos anciãos que sofrem neste momento de modo particular, com uma solidão interior muito grande e por vezes com tanto medo.

Peçamos ao Senhor que esteja próximo dos nossos avôs e avós, de todos os anciãos, e que lhes dê força. Eles transmitiram-nos a sabedoria, a vida, a história. Também nós nos fazemos próximos deles com a oração.

(Cfr. Santa Missa na Casa Santa Marta, 17 de Março de 2020)

Estimados irmãos e irmãs! na memória dos Santos Joaquim e Ana, os “avós” de Jesus, gostaria de convidar os jovens a fazer um gesto de ternura para com os idosos, especialmente os que vivem sozinhos, nos lares e residências, aqueles que não veem os seus entes queridos há muitos meses. Queridos jovens, cada uma destas pessoas idosas é o vosso avô! Não as deixeis sozinhas! Recorrei à fantasia do amor, fazei-lhes telefonemas, chamadas em vídeo, enviai mensagens, ouvi-as e, se possível em conformidade com as normas médicas, ide também visitá-las. Enviai-lhes um abraço. Elas são as vossas raízes. Uma árvore separada das raízes não cresce, não dá flores nem frutos. Por isso são importantes a união e a ligação com as vossas raízes. “O que a árvore tem de florescido vem das suas raízes”, diz um poeta da minha pátria. É por isso que vos convido a dar uma grande salva de palmas aos nossos avós, todos!

(Cfr. Angelus, 26 de Julho de 2020)

Estimados irmãos e irmãs! depois de amanhã, 2 de fevereiro, celebraremos a Festa da Apresentação de Jesus no Templo, quando Simeão e Ana, ambos idosos, iluminados pelo Espírito Santo, reconheceram Jesus como o Messias. O Espírito Santo ainda hoje suscita pensamentos e palavras de sabedoria nos idosos: a sua voz é preciosa porque canta os louvores de Deus e conserva as raízes dos povos. Eles recordam-nos que a velhice é um dom e que os avós são a ligação entre as gerações, para transmitir aos jovens a experiência da vida e da fé. Os avós são muitas vezes esquecidos e nós esquecemos esta riqueza de preservar as raízes e de as transmitir. Por esta razão, decidi instituir o *Dia Mundial dos Avós e dos Idosos*, que terá lugar na Igreja inteira todos os anos no quarto domingo de julho, na proximidade da festa dos Santos Joaquim e Ana, os “avós” de Jesus. É importante

que os avós se encontrem com os netos e que os netos se encontrem com os avós, porque - como diz o profeta Joel - os avós diante dos netos sonharão, terão ilusões [grandes desejos], e os jovens, haurindo força dos avós, seguirão em frente, profetizarão. E precisamente a 2 de fevereiro é a festa do encontro dos avós com os netos.

(Cfr. Angelus, 31 de Janeiro de 2021)